

Hermenêutica de Profundidade na Pesquisa Qualitativa em Comunicação¹

João Lúcio Mariano CRUZ²
Luciene de Oliveira DIAS³
Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO

RESUMO

Discutimos potencialidades que o referencial teórico-metodológico da Hermenêutica de Profundidade (HP), proposto por Thompson (2007), pode oferecer à construção da pesquisa qualitativa em Comunicação. Realizamos um recorte que limita nosso olhar a uma investigação específica, que versa sobre processos comunicacionais e cidadania observados no jornal *Lampião da Esquina*. Apresentamos as linhas gerais da HP. Explicamos o jornal *Lampião da Esquina*, enquanto veículo escrito por homossexuais que circulou de 1978 a 1981. Procedemos à discussão das possibilidades que a HP oferece para o estudo. Utilizamos Pesquisa Bibliográfica e a Análise Documental. Concluimos que a HP oferece elementos para uma maior compreensão de fenômenos sociais complexos, como as relações entre processos comunicacionais e cidadania.

PALAVRAS-CHAVE: Hermenêutica de Profundidade; Metodologia; Comunicação; *Lampião da Esquina*.

INTRODUÇÃO

Buscamos neste texto compreender a Hermenêutica de Profundidade como uma das possibilidades teórico-metodológicas que se apresentam a quem elabora investigação qualitativa no campo da Comunicação. Para tanto, exploramos um olhar sobre o desenvolvimento do referencial teórico-metodológico da Hermenêutica de Profundidade proposto por John B. Thompson (2007) - sob influência da teoria da interpretação de Paul Ricoeur, e as possibilidades que a Hermenêutica de Profundidade pode oferecer à construção da pesquisa em comunicação selecionada: que objetiva investigar as relações entre os processos comunicacionais e a cidadania a partir de publicações no jornal *Lampião da Esquina*.

Trata-se de um estudo que investiga as relações entre processos comunicacionais e cidadania no jornal *Lampião da Esquina*. O jornal, que circulou de 1978 a 1981, fez

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutorando da linha de pesquisa Mídia e Cultura do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Faculdade de Informação e Comunicação, da Universidade Federal de Goiás, e-mail: joaolmcruz@gmail.com

³ Trabalho realizado sob orientação de Luciene Oliveira Dias, Doutora em Antropologia. Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Informação e Comunicação; e do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Performances Culturais, da Faculdade de Ciências Sociais, da Universidade Federal de Goiás, e-mail: lucienediasufg@gmail.com

parte da chamada imprensa alternativa que nasceu em oposição à censura e ao alinhamento editorial da grande imprensa durante a ditadura militar. Com 38 edições regulares e 03 edições extras, o *Lampião da Esquina* era direcionado a homens gays, e dialogava com outros grupos sociais subalternizados, como lésbicas, travestis e pessoas negras.

Por meio do acesso a um veículo de comunicação que permitiu o direito à comunicação e à expressão de vozes silenciadas na grande imprensa, o jornal ofereceu instrumentais para o exercício da cidadania. Por isso, ao pensar no jornal *Lampião da Esquina* como um veículo capaz de ser território para a comunicação entre gays, objetivamos compreender os processos que tornaram sujeitos da comunicação pessoas que até então eram apenas objetos das notícias jornalísticas, o que repercute na própria noção de cidadania. Assim, este estudo selecionado compreende os processos comunicacionais como instrumentais para a cidadania. Ao descrever as linhas gerais dessa investigação em curso chegamos ao delineamento de uma pesquisa qualitativa.

Isso ocorre pela natureza do nosso problema de pesquisa, que envolve o aprofundamento sobre um fenômeno social complexo como as relações entre processos simbólicos de interação e significação social e a cidadania. Para Serapioni (2000, p. 190), “os métodos qualitativos devem ser utilizados quando o objeto de estudo não é bem conhecido. Por sua capacidade de fazer emergir aspectos novos, de ir ao fundo do significado e de estar na perspectiva do sujeito, são aptos para descobrir novos nexos e explicar significados”.

Minayo (2000, p. 36), sugere que o investigador deve optar pela pesquisa qualitativa quando seu objeto se revela na busca “dos significados da ação humana que constrói a história”, e complementa que “qualquer pesquisa social que pretenda um aprofundamento maior da realidade não pode ficar restrita ao referencial apenas quantitativo”.

Referenciais exclusivamente quantitativos têm origem no positivismo sociológico, nascido sob influências de postulados das ciências naturais: “Daí decorre que os métodos e técnicas para se conhecer uma sociedade ou determinado segmento dela são da mesma natureza que os empregados nas ciências naturais” (MINAYO, 2000, p. 39). Contudo, esta abordagem encontra limites no exame de determinados fenômenos sociais. Portanto, a abordagem apenas quantitativa, típica do positivismo sociológico, apresenta-se inadequada para as necessidades deste estudo. Para compreender esta

inadequação, necessitamos retomar, brevemente, o próprio desenvolvimento da pesquisa social, a partir das principais correntes teóricas da pesquisa social de abordagem qualitativa:

O **funcionalismo** (...) substitui as explicações subjetivas das condutas pelos determinantes dos sistemas sociais e busca o sentido da inter-relação entre as atividades. A **sociologia compreensiva** de Weber nos diz que o caráter definidor da ação social é o seu sentido. (...) A **fenomenologia** defende a ideia de que as realidades sociais são construídas nos significados e através deles. (...) O **marxismo** interpreta a realidade como uma totalidade onde tanto os fatores visíveis como as representações sociais integram e configuram um modo de vida condicionado pelo modo de produção específico. (MINAYO, 2000, p. 34, grifo nosso).

Tais linhas de pensamento não detêm o “monopólio de compreensão total e completa sobre a realidade” (MINAYO, 2000, p. 37). Elas apenas oferecem diferentes abordagens acerca da interpretação da realidade social. No ato de ler e interpretar o jornal *Lampião da Esquina* a partir dos preceitos de Thompson (2007) propomos ter encontrado elementos na Hermenêutica de Profundidade capazes de colocá-la como referencial teórico-metodológico adequado para esta investigação.

METODOLOGIA

Lançamos mão da pesquisa bibliográfica e da análise documental como metodologias para a construção do presente artigo. De acordo com Gil (2010, p. 45), “a principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente”. Nessa perspectiva, a pesquisa bibliográfica inclui informações reunidas em livros, teses e dissertações obtidas em bibliotecas e base de dados.

Em complemento à pesquisa bibliográfica, nos valem da análise documental. Para Moreira (2010), as fontes de análise documental frequentemente constituem informação já reunida - caso do jornal *Lampião da Esquina*. Portanto, este estudo procura localizar o documento no seu tempo. Conforme indicações de André Cellard (2012, p. 295-296), “a informação, aqui, circula em sentido único; pois, embora tagarela, o documento permanece surdo, e o pesquisador não pode dele exigir precisões suplementares”.

A HERMENÊUTICA DE PROFUNDIDADE

De acordo com Thompson (2007, p. 357), sua teoria se orienta na tradição hermenêutica de filósofos, para os quais, “o estudo das formas simbólicas é fundamentalmente e inevitavelmente um problema de compreensão e interpretação”. Citando Paul Ricouer, autor da abordagem fenomenológica-hermenêutica, ele destaca que este foi um dos filósofos que mais influenciaram no desenvolvimento de sua teoria.

Melo (2012, p. 3) aponta que “a teoria da interpretação proposta por Ricouer é uma via de acesso ao enigma da compreensão e abarca três teorias - do discurso, do texto e da leitura do texto - que se influenciam mutuamente e interagem dialeticamente”. Desse modo, Ricouer aproximou fenomenologia e hermenêutica como conhecimentos complementares e intimamente interligados. Além disso, o autor destaca que Ricouer explicou a validação da interpretação enquanto método científico:

Ricouer considera que nas ciências humanas e sociais não se trata de demonstrar que uma determinada conclusão é verdadeira, como impõe a lógica da verificação empírica empregada nas ciências naturais, mas se trata de demonstrar que uma conclusão é válida, legítima. Trata-se de um modo de validação que se assemelha aos procedimentos jurídicos usados na interpretação legal ou nas investigações de cunho histórico. (MELO, 2012, p. 5-6).

Orientado pelo mesmo caminho, Thompson (2007) afirma que o exercício de compreensão das formas simbólicas transcende as limitações interpretativas da razão instrumental da ciência moderna, inclusive na pesquisa qualitativa, e aponta a necessidade de uma indicação teórico-metodológica que realize um processo interpretativo crítico para avançar na compreensão do fenômeno social. Ao identificar “os valores, preconceitos e interesses que subjazem à pesquisa - que eventualmente eram ignorados ou tratados como viés a ser superado -, a objetividade fica fortalecida, sem que se cometa o equívoco de entender sujeito e objeto como dicotômicos e não mutuamente implicados.” (VERONESE; GUARESCHI, 2006, p. 87).

Thompson (2007) propõe a Hermenêutica de Profundidade enquanto referencial teórico-metodológico para uma compreensão crítica dos fenômenos simbólicos. Na medida em que as pesquisas em Comunicação lidam essencialmente com construções simbólicas, torna-se fundamental à pesquisa qualitativa em Comunicação a interpretação dos contextos sócio-histórico e espaço-temporal.

Uma vez que a comunicação é geralmente “fixada” num substrato material de algum tipo - palavras inscritas em papel, por exemplo, ou imagens gravadas em películas - é fácil focalizar o conteúdo simbólico das mensagens da mídia e ignorar a complexa mobilização das condições sociais que subjazem à produção e circulação destas mensagens. (THOMPSON, 2014, p. 36).

Nesse sentido, o autor apresenta a Comunicação como ação social que deve ser compreendida a partir de seus contextos de produção, circulação e recepção de formas simbólicas. Neste ponto, pretende-se enfatizar a necessidade da contextualização para fazer avançar o processo interpretativo. Para Medina (2003, p. 92), “o jornalismo, na comunicação social, faz da narrativa da atualidade sua matéria-prima”. Contudo, interpretar o real imediato da “narrativa polifônica e polissêmica” das produções simbólicas que circularam no contexto do *Lampião da Esquina* exige complexidade metodológica. Assim, apreender os sentidos, como proposto por Thompson (2007), de um jornal escrito por homossexuais, que se propôs discutir temas marginalizados como feminismo, racismo e homofobia, passa pelo olhar de um cotidiano social mais amplo e emaranhado. Ou seja, passa pela doxa.

A INTERPRETAÇÃO DA DOXA

O ponto de partida do processo interpretativo, para Thompson, reside na própria pré-interpretação do objeto, fase de interpretação da *doxa*, do cotidiano. Tal posição dialoga com Medina (2003, p. 74), para a qual “a construção social dos sentidos acontece na rua, no cotidiano”. Para esta autora, cabe ao comunicador social, ou profissional do jornalismo, relacionar vozes e gestos, coletando esses textos para ligá-los, e, então, partilhar os sentidos da produção intertextual.

A importância da interpretação cotidiana, ou *doxa*, é inegável para o processo hermenêutico. O autor define *doxa* como “uma interpretação das opiniões, crenças e compreensões que são sustentadas e partilhadas pelas pessoas que constituem o mundo social” (THOMPSON, 2007, p. 364). É a partir deste estágio inicial de interpretação das formas simbólicas, em suas relações com a vida cotidiana das pessoas, que podemos avançar para as condições sociais e históricas de uma interpretação mais profunda.

Negligenciar esses contextos da vida cotidiana, e as maneiras como as pessoas situadas dentro delas interpretam e compreendem as formas simbólicas que eles produzem e recebem, é desprezar uma condição hermenêutica fundamental da pesquisa sócio-histórica,

especificamente, que o campo-objeto de nossa investigação é também um campo-sujeito em que as formas simbólicas são pré-interpretadas pelos sujeitos que constituem esse campo. (THOMPSON, 2007, p. 364).

Ao seguir este caminho, devemos aplicar à leitura sobre as edições observadas no jornal *Lampião da Esquina* a busca por narrativas acerca das sexualidades que circulavam no mesmo terreno social e cultural em que o jornal era concebido - narrativas que revelam a construção histórica de referências sociais:

A heterossexualidade é concebida como ‘natural’ e também como universal e normal. Aparentemente supõe-se que todos os sujeitos tenham uma inclinação inata para eleger como objeto de seu desejo, como parceiro de seus afetos e de seus jogos sexuais alguém do sexo oposto. Conseqüentemente, as outras formas de sexualidade são constituídas como antinaturais, peculiares e anormais. (LOURO, 2010, p. 15-16).

Justamente por pautar notícias e informações acerca da homossexualidade o jornal *Lampião da Esquina* carregava uma imagem de subalternidade dentro das narrativas sobre sexualidades de seu tempo. A imprensa hegemônica só pautava a homossexualidade quando associada a crimes e “perversões” sexuais. Jornais sensacionalistas da época publicavam manchetes e chamadas que colocavam pessoas homossexuais e travestis como corpos marginais, ou na perspectiva de Judith Butler quando entrevistada por Prins e Meijer (2002, p. 157) como corpos abjetos⁴.

Por isso, o *Lampião da Esquina* encontrou a recusa de jornalheiros e distribuidores para sua circulação. Após esforços de seus editores para lançar o jornal, as bancas que começaram a vendê-lo o comercializavam na seção de material pornográfico. O jornal iniciou suas atividades sendo vendido nas mesmas bancas dos outros jornais alternativos da época, como *O Pasquim*, embora, mesmo dentro deste nicho alternativo, recebia tratamento marginal por pautar a homossexualidade.

Compreender a construção simbólica sobre a homossexualidade que já estava formada, no tecido social, por narrativas de silenciamento e de abjeção da homossexualidade em relação a heteronormatividade, é essencial para compreender a recepção de um jornal escrito por homossexuais. Porém, o processo hermenêutico proposto por Thompson (2007) não pode limitar a investigação do jornal à interpretação

⁴ Corpos abjetos, na definição de Judith Butler (2002), são corpos que não importam. A abjeção de certos tipos de corpos, sua inaceitabilidade por códigos de inteligibilidade, manifesta-se em políticas e na política. Viver com um tal corpo no mundo é viver nas regiões sombrias da ontologia.

das narrativas correntes sobre a homossexualidade, pois seu objetivo é complexificar e aprofundar o olhar.

Para essa busca, Thompson sistematiza seu modelo teórico-metodológico em três fases analíticas que vão além da interpretação da *doxa*, a saber: a análise sócio-histórica ou histórico social, a análise formal ou discursiva e a interpretação/reinterpretação. Tais fases são complementares entre si. Apresentamos na sequência uma visão sobre a investigação de cada uma delas.

ANÁLISE SÓCIO-HISTÓRICA OU HISTÓRICO SOCIAL

Thompson (2007, p. 366) entende que “o objetivo da análise sócio-histórica é reconstruir as condições sociais e históricas de produção, circulação e recepção de formas simbólicas”. Assim, para o autor, as formas simbólicas são construídas sob determinadas condições de espaço e tempo, além de estarem circunscritas a processos de interação sócio-históricos específicos.

Ao realizar a análise sócio-histórica, procuramos resgatar as situações no espaço e no tempo, ao focar os campos de interação, as instituições sociais e a estrutura social, identificando assimetrias na distribuição de poder e recursos e abordando temas como classe, trabalho, gênero, etnia, geopolítica, etc. Dessa maneira estaríamos contemplando tanto uma interpretação dos padrões de significado incorporados pelos sujeitos como uma análise das implicações de poder e conflitos, através da atenção aos modos de operação da ideologia. (LITZ; et al, 2014, p. 3).

Por isso, ao analisar as publicações do jornal *Lampião da Esquina* com foco no referencial teórico-metodológico da Hermenêutica de Profundidade, precisamos considerá-las como produtos culturais localizados no tempo e no espaço, sujeitos à estrutura social, ao campo das interações, às instituições sociais, à ideologia e às assimetrias de poder, no plural.

Para o processo interpretativo das manchetes e notícias das edições selecionadas do *Lampião da Esquina* faz-se necessário situar que tratava-se de um jornal brasileiro que circulou de 1978 a 1981, direcionado a um público determinado - homens homossexuais, em diálogo com outros grupos sociais subalternizados, como lésbicas, travestis e pessoas negras, e que avançava na construção de narrativas positivas sobre a homossexualidade masculina, mas que encontrava limites e reforçava narrativas discriminatórias sobre homossexualidade feminina e em suas relações com raça e classe.

Desde os anos 1960 haviam publicações voltadas ao público homossexual em algumas capitais brasileiras, mas o surgimento do *Lampião da Esquina* trouxe um novo cenário:

No formato tabloide característico da imprensa alternativa da época, com dezesseis páginas e periodicidade mensal, *Lampião* teve a sua primeira edição experimental, de circulação restrita, em abril de 1978. (...) Além de reportagens, ensaios e entrevistas especiais, o jornal trazia páginas regulares de opinião, noticiário geral, cobertura de artes e espetáculos, seção de cartas e espaço reservado à publicação de poemas e contos. A receptividade inicial ao jornal foi boa e, em pouco tempo, a tiragem passaria a 15 mil exemplares, com distribuição ampliada em algumas grandes cidades do país, para além de São Paulo e Rio de Janeiro. Sua derradeira edição, de número 37, saiu em junho de 1981, perfazendo três anos de existência. (FACCHINI e SIMÕES, 2009, p. 83-84).

Esta localização é importante para demarcar que as publicações no jornal eram formas simbólicas datadas. Por isso, o jornal deve ser contextualizado ao final da década de 1970, momento de derrubada do regime militar, e de ascensão dos movimentos sociais brasileiros, entre os quais os movimentos homossexuais, feministas e negros no Brasil. José Murilo de Carvalho (2016, p. 188) afirma que “desde a segunda metade dos anos 70, acompanhando o início da abertura do governo Geisel, houve enorme expansão dos movimentos sociais urbanos”. Na mesma medida, Antônio Sérgio Guimarães (2012, p. 90) conta que após o período mais autoritário de 1964 a 1978, que calou a sociedade civil, ressurgem os movimentos negros, o movimento das mulheres, o movimento sindical e “os novos movimentos sociais urbanos, que mantêm a sociedade civil mobilizada, durante toda a década de 1980”.

Sem este exercício hermenêutico da análise sócio-histórica poderíamos incorrer no equívoco anacrônico, por exemplo, de interpretar expressões utilizadas pelo jornal, típicas do vocabulário da sociedade à época, inclusive os grupos de liberação homossexual, e que hoje estão ressignificadas no debate social. Como exemplos, as expressões “lesbianismo” e “homossexualismo”, cujo sufixo “ismo” refletia historicamente um discurso médico que patologizava a homossexualidade, e que sofreu modificações ao longo da história:

Considerado como “desvio sexual”, a homossexualidade foi incluída na lista de Classificação Internacional de Doenças (CID) da Organização Mundial de Saúde (OMS) na categoria 320 “personalidade patológica” a partir de sua 6ª Revisão de 1948. Com a 8ª Revisão, em 1965, a homossexualidade passou a pertencer à Categoria 302 “desvio e transtornos sexuais”, especificamente na subcategoria 302.0 –

homossexualismo. Ainda que a Associação Americana de Psicanálise tenha retirado a homossexualidade de sua lista de transtornos em 1973, e a Associação Americana de Psicologia em 1975, em sua 9ª Revisão de 1975 a OMS manteve a classificação na mesma categoria, retirando apenas em 17 de maio de 1990. (GONÇALVES, 2016, p. 21).

No mesmo percurso, é preciso localizar o *Lampião da Esquina* no jornalismo de seu tempo, tendo sido uma importante publicação que se encaixa ao que Peruzzo (2008) classifica como imprensa alternativa. Segundo a autora, a expressão jornalismo alternativo surgiu para designar a imprensa não alinhada às posturas da mídia tradicional, sob a censura do regime militar no Brasil. A imprensa alternativa era representada por pequenos jornais, geralmente em formato tabloide, que ousavam analisar a realidade de forma distinta do governo.

Por se tratar de um jornal impresso, em formato tabloide, de alcance sem precedentes entre seu público à sua época, o *Lampião da Esquina* tornou-se referência de informação para seus leitores. Nesse sentido, a própria marginalidade social das pautas deste jornal depositava nessa mídia um papel importante de identificação para seus leitores. Assim, podemos interpretar esta mídia como uma plataforma que buscava apresentar outra narrativa sobre identidade homossexual. Por isso, a própria linguagem do jornal era demarcada, valendo-se de humor e expressões compreendidas mais facilmente entre o seu público homossexual.

Ressignificar expressões reconhecidas como pejorativas em relação à homossexualidade foi uma das posturas do jornal. Aliar-se a outras populações subalternizadas também constava em sua política editorial. Seu corpo editorial era composto “por jornalistas, intelectuais e artistas homossexuais que pretendiam originalmente lidar com a homossexualidade procurando forjar alianças com as demais “minorias”, ou seja, os negros, as feministas, os índios e o movimento ecológico”. (FRY e MACRAE, 1981, p. 11).

Nesse sentido, o jornal *Lampião da Esquina* representou uma nova forma de comunicação para pessoas homossexuais, buscado contar outra narrativa sobre a homossexualidade. De uma forma sem precedentes no Brasil até então, em termos de alcance e debate da identidade homossexual enquanto política, homens *gays* deixaram de ser objeto nas notícias de jornais e passaram a ser sujeitos de sua própria comunicação.

A partir do controle sobre o conteúdo do jornal, e a consequente autonomia para propor a significação de sua comunicação, o *Lampião de Esquina* tornou-se a mídia capaz de marcar a própria noção de cidadania de seu público ao possibilitar o acesso à informação e à livre expressão, além de impactar a própria liberdade associativa. O clássico relatório MacBride, da Unesco, já elevava o direito à comunicação como um direito humano ao afirmar que “constitui um prolongamento lógico do progresso em direção à liberdade e à democracia” (1980, p. 166, tradução nossa).

ANÁLISE FORMAL OU DISCURSIVA

Esta fase de análise pretende observar as construções simbólicas enquanto produtos culturais articulados em estruturas. Assim, quem produz conteúdo o faz em um contexto, e a estrutura interna de suas mensagens diz alguma coisa sobre algo, que pode ser fundamental à interpretação.

Que padrões de relações estão contidos nas formas simbólicas e em sua relação com o contexto sócio-histórico? Essa fase é de fundamental importância, pois estaremos examinando as formas simbólicas na perspectiva de sua estrutura interna (por exemplo: análise semiótica para uma imagem, análise narrativa ou de conteúdo para um texto e assim por diante). (VERONESE e GUARESCHI, 2006, p. 89).

Trata-se, portanto, de uma fase de análise que permite ampliar a envergadura da Hermenêutica de Profundidade ao complexificar a interpretação utilizando-se de outros métodos, como a análise de conteúdo. Apesar de as instâncias do discurso serem “situadas em circunstâncias sócio-históricas particulares, elas também apresentam características e relações estruturais que podem ser analisadas formalmente, com a ajuda de vários métodos do que eu chamei de análise discursiva”. (THOMPSON, 2007, p. 371).

Sendo assim, para ampliar a interpretação nesta fase, um caminho metodológico para a investigação do *Lampião da Esquina* pode ser a análise de conteúdo, compreendendo a mesma como “um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens” (BARDIN, 1977, p. 40). Para a autora, o objetivo da análise de conteúdo é a “inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou, eventualmente,

de recepção), inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos ou não)”. (Ibid., p. 40).

Bardin (1977) estabelece fases para a análise de conteúdo, sendo a primeira delas a pré-análise, na qual após uma leitura flutuante, organiza-se o *corpus* documental. Por este caminho, pode-se selecionar, por exemplo, apenas as manchetes das 38 edições regulares e 03 edições extras do jornal *Lampião da Esquina*, a fim de buscar manchetes que versem sobre narrativas positivas sobre a homossexualidade.

Feita a pré-análise, conforme Bardin (1977), inicia-se a exploração do material com a codificação dos dados a partir da escolha das unidades de registro (manchetes), seleção de regras de contagem (frequência e co-ocorrência) e a definição de categorias (família, trabalho, afeto, sexo, lazer, comunicação - a fim de averiguar narrativas positivas sobre a homossexualidade). Por fim, procede-se ao tratamento dos resultados. O emprego desta metodologia, neste momento, pode possibilitar mais somas à leitura sobre o *Lampião da Esquina*.

RE-INTERPRETAÇÃO

Para Thompson (2007), esta fase de análise pode se valer do método formal escolhido na fase anterior, ou seja, a Análise de Conteúdo, mas ela supera o método; bem como transcende a interpretação da fase de análise sócio-histórica:

Mas o processo de interpretação vai além dos métodos de análise sócio-histórica e da análise formal ou discursiva. Ele transcende a contextualização das formas simbólicas tratadas como produtos socialmente situados, e o fechamento das formas simbólicas tratadas como construções que apresentam uma estrutura articulada. As formas simbólicas representam algo, elas dizem alguma coisa sobre algo, e é esse caráter transcendente que deve ser compreendido pelo processo de interpretação. (THOMPSON, 2007, p. 375-376).

Assim, ao contrário do objetivo da análise formal ou discursiva, que foca na estrutura interna dos elementos do discurso, a re-interpretação é momento de integração das formas simbólicas com os contextos de sua produção, circulação e recepção. Trata-se de uma síntese do processo hermenêutico e da articulação entre as fases anteriores. Para Veronese e Guareschi (2006, p. 90), “o esquema intelectual da HP deverá demonstrar os aspectos múltiplos das formas simbólicas, evitando armadilhas do

internalismo (o texto é independente do contexto) ou do *reducionismo* (o texto é produzido exclusivamente em função do contexto)”.

Ao analisarmos o jornal *Lampião da Esquina* nesta fase, necessitamos articular as análises de contexto sócio-histórico e discursiva a fim de evitar cair nas armadilhas interpretativas que Thompson nos alerta, e avançar na compreensão hermenêutica do objeto estudado. Thompson insere ainda em seu modelo hermenêutico a dimensão da ideologia, que “se apoia sobre cada uma das fases do enfoque da HP, mas ela toma essas fases de uma maneira particular, com a finalidade de realçar as maneiras como o significado serve para estabelecer e sustentar relações de dominação”. (THOMPSON, 2007, p. 377-378).

Ao observarmos as relações entre processos comunicacionais e cidadania no *Lampião da Esquina*, devemos nos preocupar com as assimetrias de poder e as relações de dominação. Thompson (2007, p. 378) ainda afirma que “entre as assimetrias que são mais importantes e mais duráveis nas sociedades modernas, estão aquelas baseadas nas divisões de classe, gênero, etnia e estado-nação, elas são alguns dos elementos que estruturam as instituições sociais e os campos de interação”.

Ao propor outras narrativas, o *Lampião da Esquina* avança na ressignificação positiva da homossexualidade, em especial a masculina, no tecido social, o que nos autoriza a afirmar, pelos argumentos construídos até aqui, sua importância enquanto veículo de comunicação que refletiu no exercício da cidadania. No entanto, analisá-lo nos caminhos propostos por Thompson, exige complexificar suas relações com as estruturas de poder. *Lampião* não estava suspenso à teia social. Fazia parte dela, e guardava nisso sua própria ação nas assimetrias de poder.

As sexualidades não operam como único fator na hierarquização social. Estão relacionadas com outros aspectos construídos historicamente. Por esta ótica, enxergam-se pistas que sinalizam a contradição em publicações machistas, na relação com mulheres, observadas no jornal escrito por homens *gays* que combatiam formas de preconceito.

No Brasil, na década de 1980, com o advento dos movimentos sociais pela luta contra a opressão resultante de uma sociedade heteronormativa, apesar desta luta ser comum tanto aos *gays* quanto às *lésbicas*, as assimetrias de poder existentes entre eles passaram a causar disputas no relacionamento interpessoal. Ao trabalharem conjuntamente com os *gays*, as *lésbicas* notaram que havia uma grande diferença entre ser uma mulher *lésbica* e ser um homem *gay*

numa sociedade androcêntrica, patriarcal e machista. (PINAFI, 2010, p. 336).

As raízes das estruturas simbólicas marginalizadoras são antigas e profundas, alcançando toda a sociedade, inclusive as oprimidas. À interpretação do *Lampião da Esquina* devem-se também considerar como os preconceitos são complexos, plurais, socialmente construídos e marcados por estigmas históricos.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Em comparação com outros métodos, a Hermenêutica de Profundidade possibilita uma ampliação do exame crítico ao considerar variáveis de contexto sócio-histórico e espaço-temporal, somadas às interpretações cotidianas e à noção de ideologia. Trata-se de uma ferramenta plurimetodológica, pois se vale de outros métodos de análise como análise de conteúdo, análise do discurso, entre outros.

A Hermenêutica de Profundidade examina como as formas simbólicas se relacionam com os contextos de relações assimétricas de poder. Na análise de um objeto com dinâmicas complexas, como um jornal escrito por *gays* que discute questões étnico-raciais, de gênero e sexualidades, a Hermenêutica de Profundidade apresenta-se como referencial que possibilita alcançar mais dimensões deste objeto. Portanto, enxergamos possibilidades na Hermenêutica de Profundidade, na perspectiva de Thompson, que a colocam como caminho teórico e metodológico adequado à pesquisa das relações entre fenômenos sociais complexos, como os processos comunicacionais e a cidadania.

É importante destacar aqui, conforme Thompson (2014, p. 20), que a comunicação social “é sempre implantada em contextos sociais que se estruturam de diversas maneiras e que, por sua vez, produzem impactos na comunicação que ocorre.” Nesse sentido, nossa análise que está sendo trilhada sobre o *Lampião da Esquina* passa a focalizar com mais intensidade diferentes fatores que influenciaram o processo de criação, desenvolvimento e o fechamento do jornal, contextualizando-o multiplamente.

Para Thompson (2014, p. 20), contextualizar a comunicação enquanto ação é parte do processo interpretativo. Assim, a Hermenêutica de Profundidade nos ajuda a pensar as identidades complexas, em interação no jornal *Lampião da Esquina*, como

ações comunicativas capazes de gerar tensionamentos e diálogos que provocaram lutas por efetividade da cidadania.

A relevância de experimentar esta ferramenta teórico-metodológica nas investigações em Comunicação reside em um tensionamento epistêmico, capaz de colocar em xeque os limites do positivismo sociológico ao propor um mergulho aprofundado no fenômeno social sempre em movimento: movimentos múltiplos, conduzidos por diferentes forças sociais, que modificam a comunicação e são modificadas por ela. Por isso, olhar para o jornal *Lampião da Esquina* pelas lentes da Hermenêutica de Profundidade nos ajuda nesta tarefa investigativa-interpretativa.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2010.

CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil: o longo caminho**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

CELLARD, André. Análise Documental. In: **A Pesquisa Qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Vozes, 2012.

DESLAURIERS, Jean-Pierre; KÉRISIT, Michéle. O delineamento da pesquisa qualitativa. In: **POUPART, Jean et al. A pesquisa qualitativa: enfoque epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2008, p. 127-153.

ESQUINA, L. (2017). **Acervo Grupo Dignidade**. Disponível em: <<http://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>>. Acesso em 10 jun. 2019.

FACCHINI, Regina e SIMÕES, Julio Assis. **Na trilha do arco-íris: do movimento homossexual ao LGBT**. São Paulo, Fundação Perseu Abramo, 2009.

FONSECA, Maria de Jesus Martins da. **Introdução da Hermenêutica de Paul Ricoeur**. Mimeo

FRY, P. and MACRAE, E., (1985). **O que é homossexualidade**. São Paulo: Brasiliense.

GONÇALVES, Alexandre. “Cura Gay” – articulações entre Ciência e Política na produção de saberes religiosos. In: 40º ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM CIÊNCIAS SOCIAIS, 2016, Caxambú. **Anais eletrônicos...** Caxambú: ANPOCS, 2016.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. **Classes, raças e democracia**. São Paulo: Editora 34, 2012.

LITZ, Claudia Broges de Oliveira; et al. Referencial teórico metodológico da hermenêutica de profundidade como alternativa para a investigação nas ciências sociais aplicadas. **XIX jornadas de pesquisa Unijui**, 2014.

LOURO, Lopes Guacira. Pedagogias da sexualidade. In: **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

MEDINA, Cremilda. **A arte de tecer o presente: narrativa e cotidiano**. São Paulo: Summus 2003.

MELO, Maria Lucia de Almeida. Análise da trajetória metodológica de pesquisa instruída pela abordagem fenomenológico-hermenêutica de Paul Ricoeur. **Anais IV Sipec**, 2012.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde**. São Paulo: Hucitec, 2000.

PERUZZO, C. (2008). **Conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária revisitados**. Disponível em: <<http://palabraclave.unisabana.edu.co/index.php/palabraclave/article/view/1503/1744>>. Acesso em 09 jul 2017.

PINAFI, Tânia. Assimetrias de Poder na Militância entre Gays e Lésbicas. In: COSTA, H. et al (Org.). **Retratos do Brasil Homossexual**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Imprensa Oficial, 2010.

PRINS, Baukje; MEIJER, Irene. Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 155-167, Jan. 2002 .

SERAPIONI, Mauro. **Métodos qualitativos e quantitativos na pesquisa social em saúde: algumas estratégias para a integração**. Ciência saúde coletiva. 2000, vol.5, n.1, pp.187-192. ISSN 1413-8123.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. 6 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

____ **A Mídia e a Modernidade: uma teoria social da mídia**. Petrópolis, Vozes, 2014.

UNESCO. **Many Voices One World**. Londres: 1980. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0004/000400/040066eb.pdf>>. Acesso em 9 jun. 2019.

VERONESE, Marília Veríssimo. GUARESCHI, Pedrinho. **Hermenêutica de Profundidade na pesquisa social**. Ciências Sociais Unisinos, maio/ago, 2006.